

RUBEM BRAGA

Aramburu e Frondizi

A LUZ de todos os projetores se volta para Frondizi, e isso deixa na penumbra um outro grande vencedor das eleições argentinas: Aramburu. Estranho vencedor, na verdade. Vocês dirão que dos dois candidatos o que estava mais perto de Aramburu era Balbin, e que foi para votar contra o governo que muitos peronistas votaram em Frondizi.

E', na verdade, possível que Aramburu preferisse passar o poder a Balbin; é mais do que provável. Sua vitória não consistiu, porém, no resultado das eleições, mas na sua realização. Elas foram efetuadas de maneira limpa, exemplar, com as forças armadas e toda a máquina do governo postas a serviço simplesmente da ordem e da lisura do pleito, e não deste ou daquele candidato. Quando a 1º de maio entregar o poder a Frondizi, Aramburu poderá se recolher ao quartel ou à sua vida privada com a certeza de que cumpriu um dos mais belos destinos políticos da história argentina. Ele governou entre o terrorismo dos dinamitadores peronistas e as impaciências dos «gorilas». Se cometeu erros, todos foram muito menores que seu acerto fundamental no traçar um caminho de volta da Argentina à democracia.

Teve autoridade para não admitir candidatos peronistas desde o momento em que declarou inelegíveis a si próprio e a todos os membros de seu governo provisório. Estabeleceu um calendário da revolução e o cumpriu lisamente até agora; tudo indica que manterá sua palavra até o 1º de maio.

Quanto a Frondizi, tem tudo para ser um grande presidente, e mesmo para inaugurar, nesta parte da América, um novo estilo de chefe de governo. Só pelo temor de ver no número dos votos em branco o sinal de um fracasso Perón mandou que se votasse nele. Quando perguntei a Frondizi se ele não se impressionara com a enorme quantidade dos votos em branco na eleição anterior, ele me perguntou: «mas se amanhã formos escolher os homens que vão governar o país durante 6 anos você, se fôsse argentino, teria coragem de votar em branco?». E' verdade que ele cortejou a massa peronista; mas acontece exatamente que só ele tinha força e magnetismo, na Argentina de hoje, para atrair essa massa; Perón continuará a dizer patacoadas no exílio, mas dia a dia sentirá mais forte a impressão de estar falando sozinho.

O que era impossível era pensar que a Argentina pudesse ser entregue novamente aos oligarcas de antes de Perón — aos oligarcas cujo egoísmo e cujo desprezo pelo povo trabalhador geraram o fenómeno Perón. Frondizi junto o sentido de reivindicação social e nacional que era a flâmula do peronismo, flâmula que Perón foi o primeiro a traír, à melhor tradição democrática e populista do radicalismo.

Ah, é verdade que o «Financial Times» já começa a atacá-lo... Que tenha motivos para atacá-lo sempre, são os nossos melhores votos como sinceros amigos e admiradores do povo argentino.